

O Ensino Religioso na escola

Tânia Regina Dias da Silva¹

Resumo: O presente trabalho trata da questão da escolha e existência ou não de uma metodologia ideal para o ensino religioso na escola, respeitando a diversidade de religiões do nosso país. O objetivo deste trabalho é apresentar a trajetória da disciplina de ensino religioso na educação, destacando as ideias dos defensores e críticos dessa disciplina, bem como analisar as características do seu atual modelo, definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996. A questão da escolha da metodologia ideal deixa de ser o grande dilema e a mescla de abordagens passa a ser uma grande aliada na tentativa de diminuir as distâncias existentes entre as teorias e a prática docente, pois ninguém melhor que o próprio professor para definir os melhores caminhos a serem percorridos até alcançar o sucesso tanto próprio quanto dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: metodologia. Ensino religioso. Mescla de abordagens. Papel do professor.

Resume

This paper deals with the question of choice and existence or not of an ideal methodology for religious instruction in schools, respecting the diversity of religions of our country. The objective of this work and present the trajectory of the religious teaching of discipline in education, highlighting the ideas of defenders and critics of this discipline, as well as to analyze the characteristics of your current model, defined in Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 1.996. The question of the choice of the ideal methodology ceases to be the great dilemma and the blends of approaches becomes a great ally in an attempt to decrease ad distances existing between ad theories and teaching practice, because nobody knows better tan the teacher to define the best paths to be travelled up to achieve success both own for learners in the teaching-learning process.

Keywords: methodologies ,Religious Teach, Mix of approaches , The role of the teacher.

¹Tânia Regina Dias da Silva Polo: Cachoeira do Sul
E-mail: thanyasylva@hotmail.com

Introdução

A escolha da metodologia é uma problemática que há muito assombra professores em qualquer área da educação. Quando se fala na disciplina de ensino religioso não é diferente, a escolha da metodologia aparece como uma das primeiras questões abordadas. Muito se discute sobre sua importância e sobre a existência ou não de métodos ideais nesta área do ensino. No Brasil o ensino religioso é legalmente aceito como disciplina escolar. A trajetória dessa disciplina iniciou-se com a colonização portuguesa e tem sido marcada por grande complexidade e teor polêmico pois ela oculta uma dialética entre secularização e laicidade no interior de diferentes contextos históricos e culturais (Cury, 2004).

O ensino religioso é problemático, visto que envolve o necessário distanciamento do estado laico ante o particularismo próprio dos credos religiosos. Cada vez que esse problema compareceu a cena dos projetos educacionais sempre veio carregado de uma discussão intensa em torno de sua presença e factibilidade em um país laico e multicultural (Cury, 2004, p. 184).

O ensino religioso na escola é uma problemática que faz parte de um debate nacional, mas que não foi suficientemente abordada. Sendo assim o presente trabalho propõe trazer elementos teóricos que auxiliem na reflexão e compreensão das implicações dessa disciplina no cenário escolar.

A redação do artigo 33 da LDB de 1996 foi sancionada em 22 de julho de 1997, pelo presidente da República Fernando Henrique Cardoso, mediante a lei 9475/97 que ficou com a seguinte redação: “o ensino religioso é parte integrante da formação básica do cidadão, constituindo disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurando o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil, vedando qualquer forma de proselitismo. E estabelece que os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação dos professores, devendo ouvir entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas para a definição dos conteúdos de ensino religioso”

Essa redação satisfaz defensores do ensino religioso nas escolas e está em vigor, mas tem sido amplamente questionada, já que não contenta a todos. Muitos autores argumentam que essa disciplina viola a laicidade do estado, favorecendo apenas os indivíduos religiosos e suas concepções e discrimina todos os demais. Há também o

fato de que a sociedade possui diversidade de religiões e há grandes disputas internas de poder nas instituições religiosas que possuem hierarquia formal, podendo haver a predominância das mais populares, conhecidas e poderosas, em detrimento das demais, o que seria um exercício de preconceito e não de tolerância, além da impossibilidade de incluir a variedade de crenças e descrenças de uma classe tão diversa.

Na sequência, verificar-se-á a aplicabilidade desses conceitos, visando reconhecer a importância de cada religião, despertando não só a curiosidade quanto o interesse pelo aprofundamento teórico desta questão e criando bases para a escolha futura dos professores quanto à metodologia.

1 Objetivos

1.1 Objetivo geral:

Analisar a disciplina de ensino religioso nas escolas do nosso país, investigando as práticas pedagógicas e discutir as contribuições para a formação da cidadania.

1.2 Objetivos específicos:

- Analisar como está sendo vivenciada pedagogicamente a disciplina de ensino religioso;
- reconhecer os PCNs ,que enfatizou que a disciplina de ensino religioso deveria evitar o proselitismo e doutrinação;
- verificar a percepção dos educadores ,alunos e pais quanto a permanência da disciplina no currículo escolar;
- auxiliar na reflexão e compreensão das implicações dessa disciplina no cenário escolar.

2 Metodologia

O presente artigo foi realizado com base na necessidade de uma reflexão para a questão da dúvida se há necessidade e/ ou condições de escolha de uma metodologia ideal para abordar essa tão rica diversidade religiosa entre os alunos.

Considerando o fato de que o trabalho desenvolvido partiu de preocupações e interesses pessoais com a questão que seria utilizada na prática docente, pode-se dizer que “a pesquisa-ação constitui um meio de desenvolvimento profissional de dentro para fora.” (Nunan, 1993 *apud* Engel, 2000)

Cohen e Manion (1994) *apud* Engel (2000 p.184) afirmam que “a pesquisa-ação é *situacional*: procura diagnosticar um problema específico numa situação também específica, com o fim de atingir uma relevância prática dos resultados”

As etapas constituintes desta pesquisa foram, conforme Engel (2000,p.184): definição do problema, pesquisa preliminar, levantamento de hipóteses, desenvolvimento de um plano de ação, implementação do plano de ação, coleta de dados para avaliação dos resultados, avaliação dos resultados e comunicação dos resultados.

Por definição do problema, neste trabalho, compreende-se a questão da escolha e existência ou não de um método ideal para o estudo das diferentes religiões que enriquecem nossa cultura brasileira.

Por ‘problema’ entende-se aqui a consciência, por parte do pesquisador, de que algo que o intriga, que pode ser melhorado na área de ensino, ou o reconhecimento da necessidade de inovação em algum aspecto do programa de ensino. Esta consciência pode ser resultado de um período anterior de observação e reflexão (ENGEL, 2000,p186)

Segundo Engel (2000,p.187) “a pesquisa preliminar subdivide-se em três etapas: revisão bibliográfica, observação em sala de aula e levantamento das necessidades.” Neste trabalho a pesquisa preliminar foi realizada a partir de uma reflexão própria sobre como é visto a oferta da disciplina de ensino religioso no contexto escolar por educadores, alunos, pais e sociedade.

Em relação aos docentes ,observou-se que a maioria considera a disciplina importante e aprova sua permanência no currículo escolar,porém possuem ideias diferentes em relação a metodologia de trabalho,aos conteúdos trabalhados e a finalidade da disciplina.

Os docentes contrários ao ensino religioso consideram a questão complicada devido a grande diversidade religiosa existente na sociedade ,o que segundo eles dificulta a escolha dos conteúdos.Além da falta de formação profissional nessa área e ,segundo eles, o desinteresse pela disciplina por boa parte dos alunos.

Houve comprovação desse último dado, ao questionar alunos,a grande maioria não demonstrou interesse na disciplina. Muitos pais e a sociedade em geral não tinham sequer conhecimento de que a disciplina é de caráter facultativo.Sendo que alguns mencionaram a necessidade da escola ensinar sobre religião já que muitos alunos não costumam frequentar as igrejas.

Concluída a pesquisa preliminar, passou-se para a etapa de levantamento de hipóteses, quando surgiu como possível solução para a problemática se há necessidade de escolha da metodologia ideal a aplicação mesclada de várias abordagens para aplicar nas aulas de ensino religioso. Conforme Engel (2000,p.187), “com base nas informações coletadas na pesquisa preliminar, passa-se, então à formulação de uma ou mais hipóteses, a serem testadas.”

Levantada esta hipótese, passou-se para o desenvolvimento de um plano de ação para aplicar a hipótese levantada. Processo este que compreende a elaboração dos planos de aula a serem desenvolvidos, baseados numa mescla das várias abordagens do conhecimento de cada cultura religiosa. Elaborados os planos de aula, passou-se para a implementação do plano de ação que corresponde à aplicação das aulas. A prática pedagógica do professor de ensino religioso geralmente tem sido marcada pelo tradicionalismo e não consegue se dar conta da complexidade e da dialogicidade inerentes ao seu conteúdo.

Nesse artigo, viso contribuir para uma maior compreensão acerca de importantes questionamentos que envolvem essa área e para uma reavaliação dessas práticas pelos sujeitos do ensino religioso escolar.

Quanto à metodologia adotada, cabe ainda destacar que a pesquisa-ação serve como um meio importante ao qual o professor pode recorrer para aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem no meio em que atua. O benefício da pesquisa-ação, segundo Engel (2000,187), “está no fornecimento de subsídios para o ensino: ela apresenta ao professor subsídios razoáveis para a tomada de decisões, embora, muitas vezes, de caráter provisório.”

Torna-se então esta metodologia pertinente ao trabalho realizado à medida que procura soluções rápidas para problemáticas cotidianas da prática docente, no caso específico deste trabalho a questão da escolha e existência ou não de um método ideal do estudo das diferentes culturas religiosas, quando se propõe como solução rápida e eficaz a mescla das diferentes abordagens de ensino.

Por outro lado, é verdade que a solução de problemas educacionais exige pesquisas de caráter mais amplo, para o desenvolvimento de teorias que tenham implicações para muitas salas de aula ou muitas escolas, e não apenas para uma ou duas. No entanto, considerando as limitações atuais da teoria educacional, a pesquisa-ação leva a soluções imediatas para problemas educacionais urgentes, que não podem esperar por soluções teóricas¹. (GAY, 1976 *apud* ENGEL, 2000,p.187)

Se a teoria parece distante da prática é preciso buscar saídas imediatas para as questões que afligem diariamente os profissionais da educação para que estas possam preencher as lacunas deixadas pelas teorias, que algumas vezes são criadas por pessoas que possuem ligações distantes com as questões relacionadas à educação.

3 Revisão da literatura

Para entender melhor as questões que envolvem as metodologias para as aulas de ensino religioso, onde os alunos pertencem a diferentes culturas religiosas e a mescla de abordagens que deve se propor, a partir deste trabalho, se faz necessário uma revisão teórica sobre o assunto.

3.1 Método e abordagem

Primeiramente é necessário revisar as terminologias método e abordagem do estudo das culturas religiosas, onde é bastante comum ouvir-se tanto um termo quanto o outro, ao que Leffa (1988,p.211), explica: “Abordagem é o termo mais abrangente e engloba os pressupostos teóricos acerca da aprendizagem. As abordagens variam na medida em que variam esses pressupostos.” Enquanto que “o método tem uma abrangência mais restrita e pode estar contido dentro de uma abordagem. Não trata dos pressupostos teóricos do conhecimento, mas de normas de aplicação desses pressupostos.” (Leffa, 1988,p.211).

Durante o império e república, como na história geral , o grande problema foi sempre o professor, que em qualquer época e lugar, parece ter sempre atrapalhado a implementação da metodologia proposta - levando até à procura de um método à prova de professor. Uma máquina que seguisse à risca as instruções de uma determinada metodologia proposta seria, portanto, um excelente substituto. Com a chegada das máquinas ditas inteligentes, descobriu-se, no entanto, que uma metodologia que possa ser implementada por uma máquina não merece confiança e que o verdadeiro professor é insubstituível. Estamos descobrindo agora, às portas de um novo milênio, que o professor não é o problema, mas a solução e que há um retorno maior investindo no professor e no seu aperfeiçoamento do que na metodologia. As novas tecnologias não substituem o professor, mas ampliam seu papel, tornando-o mais importante. A máquina pode ser uma excelente aplicadora de métodos, mas o professor precisa ser mais do que isso. Para usar a máquina com eficiência, ele precisa ser justamente aquilo que a máquina não

é, ou seja, crítico, criativo e comprometido com a educação (Leffa, 1999,p.13)

Ao longo dos anos, esse papel do professor não só foi se modificando como também foi se sobrepondo a questão da escolha da metodologia ideal. Percebe-se então que nenhuma metodologia está à frente do professor e a ideia de que é ela quem determina o sucesso do processo de ensino-aprendizagem finalmente passa a ser abandonada e os demais fatores que envolvem esse processo passam a ser levados em conta. Leffa (2012,p.23) afirma que “a visão de uma teoria unificada, imposta de cima para baixo para ser aplicada aos mais diferentes contextos, como acontecia no longo período histórico do método, é agora substituída por uma prática diversificada, enraizada na realidade do dia-a-dia de cada um”.

Na atualidade, o que se percebe é a tendência ao sociointeracionismo de Vygotsky, onde “interagir com outra pessoa, adulto ou colega, é a melhor maneira de a criança avançar no aprendizado, que requer habilidades comunicativas” (Polato; Menegueço, 2008,p.36)

Ainda segundo Lopes *apud* Polato e Menegueço (2008,p.37), “a formação completa, contudo, deveria incluir a abordagem sociointeracionista, mas sem invalidar nenhuma estratégia, mesmo que sejam as específicas de outras abordagens.” Há momentos em que é possível, e às vezes necessário, ser mais tradicional na sala de aula, assim como há momentos em que a situação permite, e às vezes exige que haja maior interação como propõem as abordagens mais recentes.

O modelo de ensino religioso estabelecido na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 assumiu um caráter pluralista, não confessional, enfatizando os aspectos antropológicos das religiões e, portanto desvinculado da Igreja Católica. Contudo, esse modelo de ensino religioso tem recebido críticas e que passados uma década de sua criação ainda há muita falta de informação sobre o assunto até fortes resquícios de ensino catequético. Mas há também um descaso por essa disciplina, transformando as aulas em verdadeiro recreio, com discussões de namoro e wats livres.

A diversidade religiosa não tem sido considerada na maioria dos planejamentos da disciplina de ensino religioso, ocorrendo grande dificuldade em se concretizar o diálogo inter-religioso e muitos educadores desconhecem os elementos que compõem o fenômeno religioso e o papel das tradições religiosas nas sociedades, portanto é

evidente a falta da compreensão do ensino religioso como disciplina. Essa realidade torna o debate em torno do ensino religioso ainda mais complexo, pois além de abarcar questões que dizem respeito as definições sobre estado, religião e espaço público, ele gera também discussões sobre as condições em que o ensino vem sendo ministrado nas escolas (Giumbelli; Carneiro, 2004).

As discussões em torno do ensino religioso na escola ainda estão em curso e são absolutamente necessárias, para que gere reflexões necessárias para a definição dessa problemática que vem se desenrolando. O ensino religioso escolar vem acompanhando toda a trajetória do ensino no Brasil. “Sendo compreendido ora como catequese na escola, ora como ensino da religião ou educação religiosa escolar” (Figueiredo, 1995b, p. 7).

A questão vai além de um possível diálogo inter-religioso e aponta para a ecumenicidade, para a vivência do pluralismo. Nas palavras de Rubem Alves, a religião é “uma teia de símbolos, rede de desejos, confissão de espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza” (1996, p. 18).

O ensino religioso escolar, embora tratando da religião e da experiência religiosa não se vincula a qualquer instituição religiosa específica. Não lida, portanto, com as religiões, formas institucionalizadas da experiência religiosa, e não se confunde com catequese

O ponto de partida do ensino religioso escolar são os educandos, sua problemática, suas aspirações, seus valores, suas perspectivas de vida, suas frustrações e suas expectativas. Numa palavra, o existir humano concreto enquanto vivencia valores e reclama um sentido, que de fato busca, embora, o mais das vezes por caminhos diversos e até contraditórios. É o que chamamos de bases antropológico-culturais, ângulo fundamental sobre o qual o ensino religioso escolar considera a vida (Catão, 1993, p. 99).

Porém essa mudança de atitude em relação à educação não deve ser exclusiva do professor, ela deve envolver toda a comunidade escolar e, principalmente, o próprio aluno, para que ele tome conhecimento da sua importância frente à construção do próprio conhecimento, visto que ele, mais que o professor, precisa estar preparado para o futuro que encontrará pela frente. “Esse, no entanto, é nosso grande desafio como professores: preparar os alunos não para o mundo em que nós vivemos hoje, mas para o mundo em que eles vão viver amanhã. Trata-se, na verdade, de uma questão de sobrevivência” (Leffa, 1999, p. 24)

O que se mostra, através da literatura, é que o professor já não está mais preso à escolha de uma única abordagem como certa e eficaz, mas que as próprias tendências do presente conduzem a uma flexibilidade na hora de decidir de acordo com as experiências do docente e com a realidade educacional em que está inserido. A mescla de abordagens surge como uma solução para as diferentes situações vividas em sala de aula e que, muitas vezes, deixa o professor sem saída por estar condicionado a uma ou outra abordagem. Desse modo, o professor pode adotar tanto atitudes e atividades convencionais das abordagens mais tradicionais quanto pode adotar atitudes e atividades mais interativas das abordagens mais recentes de acordo com a situação e com as necessidades vivenciadas na sala de aula, afinal não é a metodologia sozinha que vai definir os rumos do processo de ensino-aprendizagem e, sim, todo o contexto em que ele se dá.

Considerações Finais

O que se pretende com essas considerações e reflexões é que procuremos entender se é ou não possível seguir conforme sugere os PCNs, sem necessidade de reinventar a roda ou repetir os erros do passado. Analisar se é realmente possível trabalhar a disciplina de ensino religioso, de forma a contemplar todos os envolvidos, sem ferir qualquer princípio religioso.

Não é possível evoluir na educação se os meios utilizados para alcançar o aprendizado também não evoluírem. O que se vê através da história da metodologia para a compreensão de diferentes culturas religiosas é que as abordagens, ao longo dos anos, não tiveram como finalidade complementar a abordagem anterior, mas sim se contrapor ou reeditar as ideias de alguma abordagem do passado.

Neste contexto, não se espera uma abolição das abordagens, mas uma incorporação de várias delas na intenção de deslocar o aluno de sua atual inércia em relação ao próprio conhecimento para um papel mais ativo e crítico, onde ele seja capaz não só de pensar sua realidade, mas também de modificá-la. O professor não deixa de ser peça fundamental neste processo, porém a responsabilidade sobre o aprendizado ou não por parte do aluno não pode ser somente do professor, uma vez que ele é o mediador entre o aluno e seu conhecimento. Papel este muito importante, porém educação não se faz só com professores e métodos, se faz também com alunos, com escola, com a sociedade e com todo o contexto em que vivem.

A mescla de abordagens é uma sugestão à problemática que envolve a escolha de uma metodologia ideal, depois de chegar-se à conclusão de que não existe um método ideal e infalível. Porém, sugerem-se estudos mais aprofundados a respeito, uma vez que, tal sugestão tem muito mais embasamento prático do que teórico.

Referências

- ALVES, Rubem. O que é religião? São Paulo. Editora Loyola, 1999.
- AMBRÓSIO, José de Magalhães Campos. *Estado e Religião: um contributo histórico à filosofia do estado presente*. Minas Gerais UFMG, 2011.
- BURITY, Joanildo A. *Religião, política e cultura*. São Paulo. Revista Ciência e Cultura, 2008.
- CARNEIRO, Sandra, Giambelli, Emerson. Religião nas escolas públicas, questões nacionais e as situações no Rio de Janeiro. Revista Rio de Janeiro. 2004.
- CATÃO, Francisco. A Educação no mundo pluralista: por uma educação de liberdade. São Paulo. Paulinas, 1993.
- CHARON, M. Joel. *Sociologia*. São Paulo: Saraiva, 1999.
- CURY, Carlos Jamil. O curso histórico de uma polêmica entre igreja e estado no Brasil. Educação em revista. Belo Horizonte, 1993.
- ENGEL, Guido Irineu
- FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. O ensino religioso no Brasil: tendências, conquistas e perspectivas. Petrópolis. Vozes, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia-Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- LEFFA, Wilson J. Alternativas de renovação. Pelotas: Educat, 1999
- MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. *Parâmetros Curriculares Nacionais- Pluralidade Cultural*. Brasília: Padre Roque-documento, 1997.
- MOEL, L. C. Vygotsky. *Educação pedagógica da psicologia sócio-histórica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- OLIVEIRA, Pêrsio Santos. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Série Brasil, 2004.
- POLATO, MENEGUEÇO. Dificuldade de Aprendizagem Paraná, Artigo acadêmico, 2008.
- RIBEIRO, Milton. *Liberdade Religiosa: uma proposta para debate*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002